OS IRMÃOS DE MOWGLI

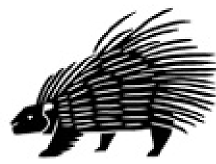
RUDYARD
KIPLING

Um conto de
O LIVRO DA SELVA

• 1894 •

OS IRMÃOS DE MOWGLI

Rudyard Kipling



Agora Rann, o milhafre, traz a noite
Que Mang, o morcego, libertou.
Os rebanhos estão trancados no estábulo
Enquanto nós rodamos até o sol raiar.
É a hora do orgulho e do poder,
Das unhas, garras e caninos.
Ah, ouçam o chamado, meus meninos!
Boa caçada a todos que seguem.
As leis da selva nos protegem.
— Canção da noite da selva

Eram sete horas de uma tarde muito quente ali pelas colinas de Seoni quando Pai Lobo acordou de seu descanso diário. Coçou-se, bocejou e esticou as patas, uma de cada vez, para tirar aquela dormência que sentia nas pontas dos dedos ao despertar. Mãe Loba estava deitada cercando quatro filhotes desajeitados e barulhentos com seu grande focinho cinza. A luz da lua brilhava na boca da caverna onde moravam.

— Augrh! — disse Pai Lobo. — Hora de ir caçar de novo.

Ele já estava pronto para descer a colina quando uma pequena sombra de rabo peludo atravessou a entrada e falou numa espécie de lamento:

— Boa sorte pra você, grande Chefe dos Lobos. Que a boa sorte e os bons dentes brancos estejam sempre com suas nobres crias para que nunca se esqueçam da fome que ronda este mundo.

Era o chacal — ou Tabaqui, o Lambe-Botas. Os lobos da Índia desprezam o Tabaqui porque ele corre por todo lado fazendo bagunça, fofoca e comendo trapos e tiras de couro dos montes de lixo das aldeias. Mas eles também têm medo do Tabaqui porque, mais do que qualquer outro animal da selva, ele fica louco facilmente. Quando isso acontece, ele se esquece do medo que tem dos outros animais e corre pela floresta mordendo tudo o que encontra pelo caminho. Até o tigre foge e se esconde quando o pequeno Tabaqui fica doido. Nada é mais terrível para um animal selvagem do que um ataque de raiva. Nós chamamos isso de hidrofobia, mas eles chamam de *dewanee* — a loucura — e fogem.

— Entre e olhe — disse Pai Lobo secament e. — Não há comida nenhuma aqui.

— Comida de lobo, não — disse Tabaqui —, mas para alguém tão desprezível quanto eu, qualquer osso velho é um banquete. Quem

somos nós, o Gidur-log, [1] para ficar escolhendo?

Disse isso e foi fuçar no fundo da caverna, onde achou um osso de antílope a inda com um naco de carne. Sentou-se e ficou roendo feliz a ponta do osso que havia encontrado.

— Obrigado a todos pela ótima refeição — disse, lambendo o focinho. — Que lindas são essas nobres crianças! Como seus olhos são grandes! E como são jovens! Verdade verdadeira, eu deveria me lembrar de que os filhos dos reis já nascem adultos.

Tabaqui sabia muito bem que não há nada que atraia mais azar do que elogiar crianças assim, na frente delas. Ele adorava deixar Mãe e Pai Lobo incomodados. Depois, sentou-se satisfeito com a malvadeza que havia acabado de praticar e disse maliciosamente:

— Shere Khan, o Grande, mudou seu território de caça. Pelo que me lua.

Shere Khan era o tigre que vivia perto do rio Waingunga, a trinta quilômetros de distância.

— Ele não tem esse direito! — esbravejou Pai Lobo. — Pela Lei da Selva, ele não pode mudar de área sem o devido aviso. Vai afugentar toda a caça num raio de quinze quilômetros. Eu terei de matar por dois.

— Sua mãe não o chamava de Lungri, o Manco, à toa — disse calmamente Mãe Loba. — Ele manca de uma pata desde que nasceu. É por isso que só mata vacas. Agora, após deixar os moradores de Waingunga furiosos, vem para cá, deixar os moradores daqui furiosos também. Vão vasculhar a selva para achá-lo, mas ele já vai estar longe. Nós e nossos filhotes vamos ter de fugir quando botarem fogo no capim. Realmente, estamos muito gratos a Shere Khan!

— Comunico a ele sua gratidão? — perguntou Tabaqui.

— Suma daqui! — disparou Pai Lobo. — Fora. Vá caçar com o seu mestre. Já me causou problemas demais para uma só noite!

— Estou indo — disse Tabaqui calmamente. — Dá pra ouvir Shere Khan daqui, lá embaixo, na mata. Eu nem precisava ter avisado vocês.

Pai Lobo ficou atento e, lá embaixo, no vale que descia na direção de um riacho, ouviu o choramingo seco, aborrecido e musical de um tigre que nada havia caçado e que não estava nem aí se a selva toda soubesse.

— Que idiota! — disse Pai Lobo. — Começar uma noite de trabalho com um barulho desses! Será que ele acha que os nossos cervos são molengas como os bois gordos do Waingunga?

— Quieto. Não é nem de cervo nem de boi que ele está atrás hoje — disse Mãe Loba. — É de um homem.

A lamúria se transformou em um rosnado constante que parecia vir de todos os lados da bússola. Esse som deixava lenhadores e andarilhos que dormiam ao relento desorientados e, às vezes, os fazia cair diretamente na boca do tigre.

— Homens! — disse Pai Lobo arreganhando seus dentes brancos. — Que lástima! As lagoas estão cheias de besouros e sapos, mas ele quer comer homens. E ainda mais em nosso território!

A Lei da Selva, que nunca determina algo sem um motivo, proíbe que qualquer animal coma um homem. A exceção ocorre quando o objetivo da matança é ensinar aos filhotes como se mata. Nessas ocasiões, deve-se caçar fora da área de caça de seu próprio bando ou tribo. A verdadeira razão disso é que matar um homem significa que, cedo ou tarde, virão homens brancos armados, montados em elefantes e acompanhados por centenas de outros homens marrons com gongos, rojões e tochas. Com isso, todos na selva sofrem. A regra que os animais seguem é a de que o homem é, dentre todos os seres vivos, o mais fraco e indefeso. Por essa razão não é honrado

machucá-lo ou matá-lo. Também dizem — e isso é verdade — que os comedores de homens pegam sarna e seus dentes caem.

O ronco ficou cada vez mais forte e terminou com o sonoro “raargh!” do ataque do tigre.

Então ouviu-se o uivo — um uivo nada tigresco — de Shere Khan.

— Ele errou o bote — disse Mãe Lobo. — O que será que aconteceu?

Pai Lobo correu alguns passos adiante. Ouviu Shere Khan resmungando e balbuciando, tropeçando furioso sobre os arbustos rasteiros.

— Ele foi tolo o bastante para pular na fogueira dos lenhadores e queimou o pé — disse Pai Lobo grunhindo. — Tabaqui está com ele.

— Tem alguma coisa subindo o barranco — disse Mãe Loba levantando uma das orelhas. — Fique atento.

As folhas do mato se remexeram. Pai Lobo dobrou as pernas e abaixou os quadris, pronto para saltar. Em seguida, se você estivesse observando a cena, teria visto a coisa mais incrível do mundo: o lobo estancou no meio do salto. Ele fez o movimento antes de ver sobre o que estava pulando e, então, tentou parar. O resultado foi um disparo reto para cima, de cerca de um metro e meio, e uma aterrissagem praticamente no mesmo lugar onde estava antes do salto.

— Homem! — disparou ele. — Um filhote de homem. Veja!

Bem à sua frente, segurando-se num galho baixo, estava um bebê marrom, nu, que mal sabia andar. Era a coisa mais minúscula, gorducha e com covinhas nas bochechas que a noite já havia trazido para a entrada da caverna de um lobo. A criança olhou bem para a cara de Pai Lobo e deu uma boa risada.

— É um filhote de homem? — disse Mãe Loba. — Nunca vi um antes. Traga-o aqui.

Um lobo acostumado a carregar seus próprios filhotes pode, se necessário, morder um ovo sem quebrá-lo. Embora Pai Lobo tenha fechado suas mandíbulas nas costas da criança, ela não sofreu nenhum arranhão e assim foi colocada entre os outros filhotes.

— Que pequenino! Que pelado e… que corajoso! — disse Mãe Loba carinhosamente.

O bebê se enfiou entre os lobinhos e foi se aconchegar no pelo quente da loba.

— Veja! Ele já está jantando junto com os outros. Então é assim que são os filhotes dos homens? Nunca ouvi falar de alguma loba se gabar por ter um menino entre as suas crias.

— Já ouvi boatos por aí, mas nunca na nossa matilha. Sempre são histórias muito antigas — disse Pai Lobo. — Ele não tem nenhum pelo e morreria se eu lhe desse uma simples patada. Veja, ele olha para nós e não tem medo.

Algo bloqueou a luz da lua na entrada da caverna. Era a grande cabeça quadrada de Shere Khan. Seus ombros tentavam passar pela abertura. Tabaqui, atrás dele, se esgoelava:

— Meu senhor, meu senhor, ele entrou aqui!

— Shere Khan, mas que honra — disse Pai Lobo, enquanto seus olhos transmitiam pura raiva. — O que Shere Khan procura?

— Minha vítima. Um filhote de homem veio para cá — disse Shere Khan. — Os pais dele fugiram. Entregue o filhote para mim.

Shere Khan havia pulado na fogueira dos lenhadores. Estava furioso pela dor no pé queimado. Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para um tigre passar. Mesmo onde ele estava, seus ombros e patas dianteiras já estavam apertados pela falta de espaço. Parecia alguém tentando brigar dentro de um barril.

— Os lobos são um povo livre — disse Pai Lobo. — Seguimos as ordens do líder da matilha e não de um matador de vaca listrado. O filhote de homem é nosso… e vamos comê-lo, se quisermos.

— Se quisermos, se não quisermos! Que história é essa? Pelo touro que matei, preciso meter meu focinho neste ninho de cães para pegar o que é meu? Sou eu, o grande Shere Khan, quem está falando!

O rugido do tigre preencheu a caverna como um trovão. Mãe Loba afastou seus filhotes e saltou para a frente. Seus olhos, como duas luas esmeraldas na escuridão, se fixaram no olhar furioso de Shere Khan.

— Eu, Raksha [A Demônia], [2] respondo: o filhote de homem é meu, Lungri. É minha propriedade! Ele não será morto. Vai sobreviver para correr e caçar com a matilha; e, um dia, veja você, seu caçador de filhotinhos indefesos, comedor de sapo, matador de peixe; um dia, ele será o seu caçador! Agora, vá andando! Pelo sambar [3] que matei — porque não como vacas magras —, volte para a sua mamãe, fera chamuscada da selva, ou vai ficar ainda mais manco do que quando nasceu! Ande!

Pai Lobo ficou maravilhado. Ele quase tinha se esquecido de que disputou Mãe Loba numa luta franca contra cinco outros lobos quando ela entrou para a matilha. Era conhecida como “A Demônia” não por acaso. Shere Khan poderia ter encarado Pai Lobo, mas não era capaz de enfrentar Mãe Loba porque sabia que, na posição onde estava, ela tinha toda a vantagem do terreno e lutaria até a morte. Por isso, ele recuou da caverna rosnando e, quando estava mais afastado, gritou:

— Todo cachorro é bravo no seu próprio quintal! Vamos ver o que a matilha dirá sobre a adoção de filhotes de homem. O filhote é meu e é para a minha boca que ele virá em breve, seus ladrões de rabo peludo!

Mãe Loba desabou ofegante entre os filhotes e Pai Lobo disse, preocupado:

—Shere Khan tem razão. Precisamos mostrar o filhote à matilha. Mesmo assim quer continuar com ele, Mãe?

— Continuar com ele… — arfou. — Ele veio nu, no meio da noite, sozinho e faminto, e mesmo assim não teve medo! Olhe, ele até já empurrou um dos nossos filhotes para o lado. Aquele carniceiro manco teria matado o menino e fugido para o Waingunga enquanto o povo da aldeia ainda estaria nos caçando dentro das tocas por vingança! Continuar com ele? É claro que vou continuar com ele. Fique deitado, minha rãzinha. Ah, seu Mowgli — porque vou chamá-lo assim, de Mowgli, a Rã —, e chegará o dia em que você caçará Shere Khan, assim como ele caçou você.

— Mas o que a nossa matilha dirá? — perguntou Pai Lobo.

A Lei da Selva explica claramente que quando um lobo se casa ele pode abandonar a matilha à qual pertence. No momento em que seus filhotes tiverem crescido e puderem se virar sozinhos, ele deve levá-los ao Conselho da Alcateia, que geralmente acontece todo mês, na lua cheia, para que os outros lobos possam identificá-los. Depois dessa inspeção, os filhotes estão livres para ir aonde quiserem e, até que tenham matado sua primeira grande presa, nenhuma desculpa é aceita caso um lobo adulto da matilha mate algum deles. A punição é a morte no local em que o assassino for encontrado; e, se pensarmos um pouco, é assim mesmo que deve que ser.

Pai Lobo esperou até que seus filhotes aprendessem a correr e, na noite da reunião da alcateia, levou todos, inclusive Mowgli e Mãe Loba, até a Pedra do Conselho — no topo de uma colina coberta por rochas, grandes e pequenas, onde caberia até uma centena de lobos. Akela, um grande e cinzento Lobo Solitário que liderava a matilha com força e astúcia, estava refestelado em sua pedra. Abaixo dele,

sentados, estavam mais de quarenta lobos de todos os tamanhos e cores — de veteranos acastanhados capazes de matar um antílope macho sozinhos a jovens negros de três anos que achavam que podiam fazer o mesmo. O Lobo Solitário era o líder havia um ano. Tinha caído duas vezes em armadilhas quando jovem e, uma vez, apanhou tanto que foi abandonado à própria sorte. Por essas e outras, conhecia bem os modos e costumes dos homens. Pouco se conversava na pedra. Os filhotes tropeçavam uns nos outros no centro do círculo formado pelas mães e pais e, de vez em quando, um lobo já mais velho se aproximava de um filhote, olhava cuidadosamente para ele e voltava ao seu lugar em silêncio. Às vezes, uma mãe empurrava seu filhote até a luz da lua para ter certeza de que fosse visto por todos. Akela, de sua pedra, gritava:

— Vocês conhecem a lei, vocês conhecem a lei. Olhem bem, lobos!

E as mães, aflitas, se juntavam em coro:

— Olhem! Olhem bem, lobos!

Finalmente — os pelos do pescoço de Mãe Lobo se eriçaram quando chegou sua vez —, Pai Lobo empurrou "Mowgli, a Rã", como o chamavam, para o centro. Ele sentou-se ali, rindo e brincando com os pedregulhos que brilhavam ao luar.

Akela, que nunca levantava a cabeça de suas patas, continuou com seu aviso repetitivo:

— Olhem bem!

Um rugido abafado veio detrás das rochas — era a voz de Shere Khan gritando:

— O filhote é meu. Me devolvam o filhote. O que o Povo Livre quer com esse filhote de homem?

Akela também nunca levantava as orelhas. Tudo o que dizia era:

— Olhem bem, lobos! O que o Povo Livre tem a ver com outras ordens, exceto as do próprio Povo Livre? Olhem bem!

Houve uma sinfonia de rosnados contidos e um jovem lobo de uns quatro anos replicou a pergunta de Shere Khan para Akela:

— O que o Povo Livre tem que ver com um filhote de homem?

Ora, a Lei da Selva estabelece que, se surgir qualquer disputa sobre um filhote ser aceito na matilha, ela deve ser debatida por pelo menos dois membros da alcateia que não sejam pai ou mãe.

— Quem fala pelo filhote? — perguntou Akela. — Entre o Povo Livre, quem fala?

Não houve resposta, e Mãe Loba se preparou para o que imaginava ser sua última luta caso as coisas acabassem em briga.

Então, a única outra criatura permitida no Conselho da Alcateia — Baloo, o urso castanho e preguiçoso, professor que ensinava a Lei da Selva aos filhotes de lobos —, o velho Baloo, que vem e vai para onde quiser porque come apenas castanhas, raízes e mel — levantou-se sobre as patas traseiras e grunhiu:

— O filhote de homem, o filhote de homem? — disse. — Eu falo pelo filhote de homem. Ele não traz perigo. Não sou bom com palavras, mas falo a verdade. Deixem o pequeno ficar na matilha com os outros. Eu o ensinarei.

— Ainda precisamos de mais um — disse Akela. — Baloo falou e ele é o professor das crianças. Quem mais fala além de Baloo?

Uma sombra negra desceu no centro do círculo. Era Bagheera, negro feito nanquim e com suas pintas de pantera visíveis apenas quando a luz batia de um jeito especial em seu pelo, que parecia seda molhada. Todos o conheciam e ninguém se metia com ele porque era tão astuto quanto Tabaqui, forte feito um búfalo selvagem e destemido como um elefante machucado. Sua voz, porém, era suave

tal qual mel gotejando da árvore e sua pele era mais macia do que o anoitecer.

— Akela e todos do Povo Livre — ronronou —, não faço parte da sua reunião, mas a Lei da Selva diz que se há uma dúvida que não seja questão de morte em relação a um novo filhote, a vida desse filhote pode ser comprada por certo preço. E a lei não diz quem deveria pagar tal preço. Estou certo?

— Isso! Isso! — disseram os lobos jovens, sempre famintos. — Ouçam Bagheera. O filhote pode ser comprado por certo preço. É a lei.

— Sabendo que estou me intrometendo, peço a sua permissão.

— Pois diga — gritaram vinte vozes.

— Matar um filhote nu é vergonhoso. Além disso, ele poderá ser um adversário mais à altura quando crescer. Baloo já se pronunciou em seu favor. Agora, além das palavras de Baloo, podem somar um búfalo, dos gordos, recém-caçado, que deixei a menos de um quilômetro daqui. Isso caso vocês aceitem o filhote de homem conforme a lei. Aceitam?

Houve um clamor crescente de vozes dizendo:

— Que diferença faz? Ele vai morrer nas monções de inverno mesmo. Vai secar no sol a pino. Que perigo representa para nós uma rã pelada? Deixem-no acompanhar a matilha. Onde está o búfalo, Bagheera? Nós aceitamos.

E então o uivo gutural de Akela continuou gritando:

— Olhem bem! Olhem bem!

Mowgli ainda estava profundamente interessado nos pedregulhos e não percebeu os lobos se aproximarem, um a um, para olhá-lo. Depois, todos eles desceram a encosta na direção do búfalo morto e somente Akela, Bagheera, Baloo e os pais de Mowgli ficaram. Shere

Khan ainda rugia noite afora, furioso por Mowgli não ter sido entregue a ele.

— Ora, ele que ruja o quanto quiser — disse Bagheera por entre os bigodes —, porque ainda virá o tempo em que essa coisinha pequena o fará rugir em outra nota, se é que conheço um pouco sobre os homens.

— Está tudo bem resolvido — disse Akela. — Os homens e seus filhotes são muito sábios. Um dia, ele será de grande ajuda.

— É verdade, uma ajuda para quando precisarmos. Ninguém lidera uma matilha para sempre — disse Bagheera.

Akela ficou calado. Pensou no dia que inevitavelmente chega a todos os líderes, de todas as matilhas, quando a força se vai e a fraqueza toma conta. Sabia que acabaria morto pelos lobos e um novo líder assumiria.

— Podem levar o menino — disse Pai Lobo. — Ele deve ser educado como se educa alguém do Povo Livre.

Mowgli acabou aceito na matilha dos lobos de Seoni pelo preço de um búfalo e pelas boas palavras de Baloo.

Agora, vamos pular uns dez ou onze anos adiante, só imaginando a vida maravilhosa que Mowgli teve entre os lobos porque, se tudo isso fosse escrito, preencheria muitos livros. Ele cresceu com os filhotes. No entanto, eles se tornaram lobos adultos antes mesmo de Mowgli vir a ser uma criança. E Pai Lobo ensinou a Mowgli suas habilidades, o significado das coisas da floresta, até o detalhe de cada farfalhar da grama, cada lufada de vento morno, cada nota das corujas que moram no alto, cada som das garras do morcego arranhando a árvore antes de ir dormir e cada borrifo de água de cada peixinho que mergulha em uma lagoa significasse tanto para ele quando o trabalho em um escritório significa para um homem de negócios. Quando não estava aprendendo, sentava-se ao sol para cochilar e depois comia e

dormia de novo. Quando se sentia sujo ou com calor, nadava nas lagoas da floresta e, quando queria mel — Baloo contou a ele que mel e castanhas são tão saborosos quanto carne crua —, escalava a árvore para comer.

Seu amigo Bagheera ficava deitado sobre um galho e chamava:

— Venha cá, irmãozinho.

No começo, Mowgli se pendurava como um bicho-preguiça, mas depois passou a se balançar pelos galhos quase tão bem quanto o macaco cinza.

Ele também conquistou seu lugar na Pedra do Conselho quando a alcateia se reunia. Lá, descobriu que se olhasse diretamente nos olhos de qualquer lobo, o animal se via forçado a baixar o olhar e, por isso, costumava encará-los só por brincadeira. Outras vezes, tirava longos espinhos das patas dos amigos — os lobos sofrem muito com espinhos e carrapichos nos pelos. Mowgli também descia a encosta, entrava nas plantações à noite e observava curioso os moradores da aldeia em suas cabanas. Mas não confiava nos homens porque Bagheera havia mostrado uma caixa quadrada com uma portinhola pendente tão bem escondida na mata que ele quase tinha caído nela. A pantera explicou que aquilo era uma armadilha. Mais do que tudo, ele adorava entrar com Bagheera na mata fechada, quente e escura, para dormir num dia preguiçoso e, à noite, presenciar uma caçada. Bagheera matava de tudo quando estava faminto. Mowgli também, com uma exceção. Assim que cresceu o bastante para entender, a pantera contou-lhe que ele que nunca deveria tocar no gado porque seu ingresso na matilha havia sido pago com a vida de um búfalo.

— A selva toda é sua — disse Bagheera. — Exatamente por isso, você não deve matar tudo o que for capaz. Pelo búfalo que pagou por sua vida, não mate e nem coma o gado, seja jovem ou velho. Essa é a Lei da Selva.

Mowgli foi leal e obedeceu.

Ele cresceu cada vez mais forte, como um menino deve crescer, sem sequer perceber tudo o que estava aprendendo, achando que não havia nada mais importante no mundo do que comer.

Mãe Loba disse a ele várias vezes que Shere Khan não era uma criatura digna de confiança e que algum dia ele seria obrigado a matá-lo. Enquanto um jovem lobo jamais se esqueceria de um conselho desses, Mowgli se esquecia constantemente porque era apenas um menino — embora ele mesmo se dissesse "lobo", caso fosse capaz de falar alguma das línguas dos homens.

Shere Khan estava sempre cruzando seu caminho na selva. Ao passo que Akela ia ficando velho e cansado, o tigre manco se tornava cada vez mais amigo de alguns jovens lobos da matilha, que o seguiam para comer seus restos — coisa que Akela nunca teria permitido se ainda tivesse vigor para aplicar sua autoridade. Shere Khan os elogiava e se dizia surpreso ao ver aqueles jovens caçadores ainda prestando obediência a um lobo à beira da morte e a um filhote de homem.

— Dizem por aí — comentava Shere Khan — que não é permitido olhar o menino nos olhos no Conselho.

E os jovens lobos uivavam e seus pelos se arrepiavam.

Bagheera, que via e ouvia tudo, sabia o que isso significava. De vez em quando, explicava a Mowgli em detalhes por que Shere Khan um dia o mataria. Mowgli ria e dizia:

— Mas eu tenho a matilha inteira e você do meu lado; e Baloo, mesmo sendo muito preguiçoso, me defenderia com seus golpes. Por que eu teria medo?

Em um dia muito quente, Bagheera teve uma ideia depois de ouvir um comentário de alguém. Talvez tenha sido Ikki, o porco-espinho,

quem espalhou o boato. Os dois estavam no coração da selva. O menino descansava sua cabeça na linda pelagem negra de Bagheera quando a pantera falou:

— Irmãozinho, quantas vezes eu te disse que Shere Khan é seu inimigo?

— O mesmo tanto que as castanhas naquele castanheiro — disse Mowgli que, naturalmente, não sabia contar. — Por quê? Estou com sono, Bagheera. Shere Khan é só um rabo comprido que fala demais, igual a Mao, o pavão.

— Agora não é hora de dormir. Baloo sabe, eu sei e a matilha sabe. E até mesmo o mais inocente dos cervos sabe. Tabaqui também já te avisou.

— Ha! Ha! — riu Mowgli. — Certo dia, Tabaqui veio com uma conversa idiota dizendo que sou um filhote pelado de homem e não sirvo para farejar trufas. Aí, o peguei pelo rabo e o joguei duas vezes na palmeira para ensinar um pouco de boas maneiras a ele.

— Isto não foi muito inteligente, porque mesmo Tabaqui sendo muito insidioso, talvez quisesse lhe contar algo importante. Abra os olhos, irmãozinho. Shere Khan não ousará matar você na selva. Mas lembre-se que Akela está velho e logo chegará o dia em que ele não conseguirá mais matar um cervo. Nesse dia, ele não será mais o líder. Muitos dos lobos que tomavam conta de você quando o Conselho o acolheu também já estão velhos. E os jovens acreditam, porque Shere Khan os ensinou assim, que um filhote de homem não é bem-vindo na matilha. Em pouco tempo, você será um homem.

— E de que vale um homem que não pode estar com os seus irmãos? — retrucou Mowgli. — Eu nasci na selva. Eu obedeço a Lei da Selva e não conheço nenhum lobo que eu não tenha ajudado a tirar espinhos das patas. É claro que são eles meus irmãos!

Bagheera se espreguiçou todo com os olhos quase fechados.

— Irmãozinho — disse —, ponha a mão aqui embaixo do meu queixo.

Mowgli levantou sua forte mão morena e bem embaixo do queixo sedoso onde músculos poderosos se mexiam, sob a brilhante pelagem, encontrou um ponto sem pelos.

— Ninguém na selva sabe que eu, Bagheera, tenho essa marca. É a marca de uma coleira. Isso porque, irmãozinho, eu nasci entre os homens e foi entre eles que minha mãe morreu, nas jaulas do palácio do rei de Oodeypore. Foi por isso que paguei por você no Conselho, quando você era só um filhotinho pelado. Sim, também nasci entre os homens. Eu nunca tinha estado na selva. Eles passavam a comida pelas grades, em uma tigela de ferro, até que uma noite senti que era Bagheera, a pantera, e não um brinquedo dos homens. Quebrei o frágil cadeado com uma patada e fugi. E por ter aprendido os costumes dos homens, tornei-me mais temido na selva do que Shere Khan. Entendeu?

— Sim — disse Mowgli. — Todos na selva temem Bagheera. Todos menos Mowgli.

— Sem dúvida você é um filhote de homem — disse a pantera negra com muito carinho. — E, assim como eu voltei para a minha selva, logo você deverá voltar para os homens, pois os homens são os seus irmãos… isso se você não for morto no Conselho.

— Mas por quê? Que vantagem eles teriam em me matar? — perguntou Mowgli.

— Olhe para mim — disse Bagheera.

Mowgli olhou bem fundo nos olhos de Bagheera. A grande pantera desviou o olhar logo em seguida.

— Por isso — disse ele roçando as folhas com a sua pata. — Nem mesmo eu consigo olhar você nos olhos. Eu, que nasci entre os

homens e te amo, irmãozinho. Os outros te odeiam porque os olhos deles não podem encarar os seus, porque você é sábio; porque você tirou espinhos daquelas patas. E porque você é um homem.

— Eu não sabia dessas coisas — disse Mowgli um tanto triste, franzindo suas grossas sobrancelhas negras.

— Qual é a Lei da Selva? Ataque primeiro, converse depois. Eles sabem que você é um homem pelo fato de ser tão despreocupado. Mas seja esperto. Meu palpite é que, quando Akela fracassar em sua próxima caçada, e está cada vez mais difícil para ele vencer um cervo, a alcateia se voltará contra vocês dois. Haverá outra reunião na pedra e então… então… adivinhe! — disse Bagheera dando um salto para cima. — Você deve descer o mais rápido possível para a aldeia dos homens no vale e pegar um pouco da flor vermelha que eles cultivam por lá. Assim, quando chegar a hora, você terá um aliado ainda mais poderoso do que eu, Baloo ou os lobos da matilha que ainda te amam. Vá pegar a flor vermelha.

Bagheera chamava o fogo de flor vermelha. Nenhuma criatura da selva chama o fogo pelo nome correto. Todos os animais vivem com medo mortal do fogo e inventam centenas de outros nomes para descrevê-lo.

— A flor vermelha? — disse Mowgli. — Aquela que cresce do lado de fora das cabanas no final da tarde? Vou lá pegar.

— É assim que um filhote de homem deve falar — disse Bagheera orgulhoso. — Lembre-se: ela nasce em pequenos jarros. Pegue uma sem chamar a atenção e guarde com você o tempo que for necessário.

— Ótimo! — disse Mowgli. — Eu vou. Mas você tem certeza, Bagheera — disse, passando o braço em volta do esplêndido pescoço e olhando no fundo dos olhos —, tem certeza de que tudo isso faz parte do plano de Shere Khan?

— Pelo cadeado quebrado que me libertou, tenho sim, irmãozinho.

— Então, pelo búfalo que pagou por mim, Shere Khan vai ver só uma coisa. Talvez até um pouco mais do que deveria — disse Mowgli afrouxando o abraço.

— É assim que um homem deve falar. Isto é ser um homem — disse Bagheera para si mesmo, deitando-se novamente. — Ah, Shere Khan, nunca houve uma caçada mais azarada do que aquela na qual você deixou a rã escapar, dez anos atrás.

Mowgli se embrenhou pela floresta, correndo muito, e seu coração pulsava forte no peito. Ele chegou à caverna junto com a névoa da noite, tomou fôlego e olhou o vale lá embaixo. Os filhotes não estavam, mas Mãe Loba, no fundo da caverna, sabia pela respiração que alguma coisa preocupava sua rãzinha.

— O que foi, meu filho? — disse.

— Os morcegos espalharam um boato sobre Shere Khan — ele respondeu. — Esta noite, vou caçar nas plantações.

Mergulhou na mata da encosta em direção ao riacho na base do vale. Ali, parou e ouviu o som da matilha caçando, o berro de um sambar sendo perseguido e o resfolegar da presa que fugia. Depois, vieram os uivos perversos e amargos dos jovens lobos:

— Akela! Akela! Deixem o Lobo Solitário mostrar sua força. Abram espaço para o líder da matilha! Ataque, Akela!

O Lobo Solitário deve ter atacado e errado o bote porque Mowgli ouviu seus dentes estalando, depois um ganido e o sambar o derrubando com um golpe das patas dianteiras.

Ele não esperou mais um segundo sequer e saiu em disparada. Os latidos foram se distanciando enquanto corria pelas plantações dos moradores da aldeia.

— Bagheera estava certo — ofegou ao se esconder em um monte de forragem para gado perto da janela de uma das cabanas. — Amanhã será um dia decisivo para mim e Akela.

Mowgli aproximou o rosto da janela e observou o fogo queimando no fogão. Viu uma mulher se levantar e alimentar o fogo no escuro da noite com pedaços de carvão preto. Quando a manhã chegou e a névoa ficou branca e fria, viu um menino pegar um cesto de vime revestido de barro por dentro, enchê-lo com pedaços de carvão em brasa, colocá-lo sob uma manta e sair para cuidar das vacas no estábulo.

— É só isso? — pensou Mowgli. — Se um filhote consegue, não preciso ter medo.

Então deu a volta na cabana para encontrar o menino. Pegou o cesto das mãos dele e desapareceu na névoa enquanto o garoto ainda berrava de medo.

— São bem parecidos comigo — disse Mowgli, soprando no cesto como havia visto a mulher fazer. — Isto vai apagar se eu não der comida para ele.

E colocou gravetos e cascas de árvore na coisa vermelha. Na metade da subida, encontrou Bagheera com o orvalho da manhã brilhando feito cristais em seus pelos:

— Akela falhou — disse a pantera. — Eles iam matá-lo ontem mesmo, mas queriam que você estivesse junto. Ficaram te procurando pela colina.

— Eu estava nos campos cultivados. Já estou pronto. Veja! — Mowgli levantou o cesto incandescente.

— Ótimo! Sabe, eu já vi homens colocando galhos secos nessa coisa, e na hora a flor vermelha brotou na ponta. Você não tem medo?

— Não. Por que deveria ter medo? Agora me lembro, se é que não é sonho, de que antes de ser um lobo, eu ficava deitado perto da flor vermelha. Era quente e gostoso.

Mowgli passou o dia sentado na caverna cuidando de seu pote de fogo, alimentando-o com gravetos secos para ver o que acontecia. Ele achou um galho que o agradou e, à noite, quando Tabaqui entrou na caverna e disse-lhe num tom mal-educado que o requisitavam na Pedra do Conselho, ele gargalhou até fazer Tabaqui sair correndo. Ainda rindo, Mowgli se dirigiu ao Conselho.

O Lobo Solitário Akela estava deitado ao lado de sua pedra, o que significava que a liderança da matilha estava vaga. Shere Khan, com seu séquito de lobos comedores de sobras, andava para lá e para cá, sendo bajulado abertamente. Bagheera deitou-se perto de Mowgli, que mantinha o cesto entre os joelhos. Quando todos estavam reunidos, Shere Khan começou a discursar, coisa que nunca ousaria fazer na época em que Akela estava em sua melhor forma.

— Ele não tem o direito — sussurrou Bagheera. — Fale isso. Ele é um filho de um cão. Ele vai se pelar de medo.

Mowgli ficou em pé de pronto.

— Povo Livre — gritou —, agora é Shere Khan o líder da matilha? O que um tigre tem a dizer sobre a nossa liderança?

— A liderança está vaga e me pediram para falar… — começou Shere Khan.

— Quem pediu? — disparou Mowgli. — Será que somos tão inferiores a ponto de bajular esse matador de vacas? A liderança da matilha é assunto somente da matilha.

Foram ouvidos gritos de “Silêncio, filhote de homem!”, “Deixem-no falar. Ele tem sido fiel à lei”. Depois, os mais velhos da matilha retumbaram:

— Deixem que o Lobo Morto fale.

Quando um líder de matilha falha na caçada, ele passa a ser chamado de Lobo Morto mesmo ainda vivo, mas por pouco tempo. Akela se esforçou para levantar sua velha cabeça:

— Povo Livre e vocês também, lacaios de Shere Khan, por doze temporadas eu os liderei para matarmos e não sermos mortos. Nesse tempo, nenhum de vocês foi capturado ou ferido. Agora, falhei como caçador. Vocês sabem como essa história termina. Sabem como fui levado a enfrentar um cervo arredio para que minha fraqueza fosse exposta. Tudo foi muito bem planejado e é direito de vocês me matar, agora, aqui na Pedra do Conselho. Portanto, pergunto: quem virá dar fim ao Lobo Solitário? Porque é meu direito, pela Lei da Selva, que venha um de cada vez.

Houve um longo silêncio, porque nenhum dos lobos queria lutar com Akela até a morte. Então Shere Khan rugiu:

— Bah! O que fazer com esse tolo desdentado? Ele está fadado à morte! E o filhote de homem já viveu mais do que deveria. Povo Livre, ele era minha refeição desde o início. Entreguem-no a mim. Estou cansado dessa falácia de homem-lobo. Já faz dez temporadas que a selva passa por essa vergonha. Entreguem-me o filhote de homem ou vou caçar por aqui para sempre e nunca mais vou dar sequer um osso a vocês. Ele é um homem, uma cria de homem, e eu o odeio até o último fio de cabelo!

Então mais da metade da matilha gritou:

— Um homem! Um homem! O que faz um homem entre nós? Que ele vá para o lugar ao qual pertence.

— E colocar as pessoas da aldeia contra nós? — clamou Shere Khan. — Não, deem ele para mim. Ele é um homem e nenhum de nós consegue olhar nos olhos dele.

Akela levantou a cabeça novamente e disse:

— Ele comeu da nossa comida, dormiu entre nós, atraiu presas para cá. Ele nunca quebrou sequer uma lei.

— Além do mais, paguei o preço com um búfalo. O valor de um búfalo é irrisório, mas minha honra é algo que talvez seja um bom motivo para brigar — disse Bagheera em seu tom mais gentil.

— Um búfalo dado dez anos atrás! — a matilha retrucou ferozmente. — Quem liga para ossos de dez anos de idade?

— Ou para cumprir uma promessa? — perguntou Bagheera arreganhando seus dentes brancos. — Bem que chamam vocês de Povo Livre.

— Nenhum filhote de homem pode andar com o Povo da Selva — rugiu Shere Khan. — Entregue-o a mim!

— Ele é nosso irmão em tudo, exceto no sangue — disse Akela e continuou —, e vocês o matariam aqui? Na verdade, já vivi tempo demais. Alguns de vocês são comedores de vacas e outros, pelo que ouvi dizer, aprenderam com Shere Khan a descer para a aldeia na calada da noite e roubar crianças na porta das cabanas. Portanto, eu os classifico como covardes e é para vocês que me dirijo. É certo que devo morrer e que minha vida nada mais vale. Se valesse, eu a ofereceria em troca da vida do filhote de homem. Pela honra da alcateia, aponto um pequeno detalhe que a falta de liderança encobriu. Prometo que, se deixarem o filhote de homem em paz, quando chegar a hora de minha morte, não mostrarei sequer um dente contra vocês. Morrerei sem lutar. Isso poupará pelo menos três vidas da matilha. Não posso oferecer mais, porém, se aceitarem, vou salvá-los da vergonha de matar um irmão contra o qual não há acusações, um irmão apresentado e aceito para entrar na matilha como rege a Lei da Selva.

— Ele é um homem, um homem, um homem! — rosnou a matilha.

A maioria dos lobos se reuniu em volta de Shere Khan, cuja cauda começava a se agitar.

— Agora o negócio é com você — disse Bagheera para Mowgli. — Não há mais o que fazer além de lutar.

Mowgli ficou em pé com o pote de fogo nas mãos. Em seguida, esticou os braços e bocejou na frente do Conselho — mas por dentro estava tomado de raiva e tristeza porque, como é costume dos lobos, nenhum deles havia lhe dito o quanto o odiavam.

— Escutem vocês! — gritou. — Chega desse falatório, bando de vira-latas. Vocês falaram tanto que sou um homem. Na verdade, eu teria continuado sendo um lobo como vocês a minha vida inteira. Porém, acabei me convencendo de que suas palavras são verdadeiras. Assim, não os chamarei mais de irmãos, mas de *sag* [cães], como um homem os chamaria. O que vão ou não fazer não mais cabe a vocês decidir. Essa decisão agora é *minha* e para que tudo fique o mais claro possível, eu, o homem, trouxe aqui um pouco da flor vermelha que vocês, cães, tanto temem.

Ele arremessou o pote de fogo no chão e algumas das brasas caíram em um tufo de musgo seco que se incendiou. Todo o Conselho recuou aterrorizado diante das chamas que subiam.

Mowgli enfiou o galho seco no fogo até que os gravetos se acenderam e estalaram. Depois, girou o galho sobre a sua cabeça enquanto os lobos se encolhiam.

— Tu és o senhor — disse Bagheera em voz baixa. — Salve Akela da morte. Ele nunca deixou de ser seu amigo.

Akela, o velho e austero lobo que nunca pediu misericórdia em toda a sua vida, olhou para Mowgli comovido enquanto o menino caminhava completamente nu. Os longos cabelos negros caíam sobre seus ombros, brilhando com a luz do galho que fazia as sombras tremerem.

— Ótimo! — disse Mowgli olhando vagarosamente em volta. — Vejo que vocês são mesmo cães. Vou deixá-los e voltar para minha gente, se é que eles são mesmo a minha gente. Chega de selva para mim, preciso apagar da memória suas palavras e sua amizade. A diferença é que serei mais piedoso que vocês. Quando eu for um homem entre outros homens, não os entregarei a eles como vocês me entregaram. A única diferença entre nós é que não temos o mesmo sangue — e chutou o fogo com o pé e faíscas voaram pelos ares. — Não teremos nenhuma guerra entre os membros da matilha, mas deixo aqui o pagamento de um débito antes de ir embora.

Mowgli marchou até Shere Khan. O tigre estava sentado olhando para as chamas com cara de bobo. O menino então o pegou pelo tufo de pelos na ponta do queixo. Bagheera o seguiu, para o caso de algum acidente.

— Levante-se, cão! — gritou Mowgli. — Fique em pé quando um homem falar com você ou boto fogo no seu pelo!

As orelhas de Shere Khan se viraram para trás, grudadas em sua cabeça. Seus olhos se fecharam, pois o galho flamejante estava muito próximo.

— Esse assassino de vacas disse que me mataria aqui no Conselho porque não me matou quando eu era um filhote. Por essas e outras, é nosso dever surrar os cães quando nos tornamos homens. Se mexer um bigode sequer, Lungri, enfio esta flor vermelha na sua goela! — Mowgli bateu com o galho na cabeça de Shere Khan e o tigre choramingou e gemeu, morto de medo. — Bah! Seu gato-do-mato chamuscado… fuja! Mas lembre-se de que quando eu voltar à Pedra do Conselho como um homem, estarei vestido com a pele de Shere Khan. Para os outros, decreto que Akela fique livre para viver como desejar. Ninguém irá feri-lo porque assim estou dizendo. E também digo que se levantem, saiam e guardem essas suas línguas, pois se

vocês acham que são dignos, digo que não passam de cães que posso enxotar a qualquer momento. Sumam!

O fogo queimava furiosamente na ponta do galho e Mowgli fustigava o círculo por todos os lados. Os lobos debandaram, uivando, com fagulhas queimando seus pelos. Finalmente, ficaram apenas Akela, Bagheera e cerca de dez outros lobos que haviam defendido Mowgli. Foi quando algo começou a latejar dentro do garoto, uma dor que nunca havia sentido. Ele respirou fundo, soluçou e lágrimas desceram pelo seu rosto.

— O que está acontecendo? O que está acontecendo? — perguntou. — Eu não quero deixar a selva, eu não sei o que está acontecendo. Estou morrendo, Bagheera?

— Não, irmãozinho. São apenas lágrimas de homem — disse Bagheera. — Agora você é um homem e não mais um filhote de homem. A selva de fato é passado para você daqui por diante. Deixe-as rolar, Mowgli. São apenas lágrimas.

Então Mowgli sentou-se e chorou como se seu coração fosse rachar. Ele nunca havia chorado antes em toda sua vida.

— Agora — disse —, vou me encontrar com os homens. Mas primeiro preciso dar adeus à minha mãe.

Assim, ele seguiu até a caverna onde ela morava com Pai Lobo. Lá, chorou e a abraçou enquanto os quatro filhotes uivavam sem parar.

— Vocês não vão me esquecer? — perguntou Mowgli.

— Nunca, enquanto ainda pudermos seguir uma trilha — disseram os filhotes. — Venha para o sopé da encosta quando se tornar um homem e conversaremos com você. Nós iremos às plantações para brincar com você à noite.

— Volte logo! — disse Pai Lobo. — Pequena e sábia Rãzinha, volte logo. Eu e sua mãe já estamos velhos.

— Volte logo, meu filhinho pelado — disse Mãe Loba. — Ouça, filhote de homem: amo você mais do que amei meus próprios filhos.

— É claro que vou voltar — disse Mowgli. — E quando eu voltar, será para deitar a pele de Shere Khan sobre a Pedra do Conselho. Não se esqueçam de mim! Digam a todos na selva para nunca se esquecerem de mim!

A aurora estava começando a surgir quando Mowgli desceu a colina sozinho para se encontrar com aquelas coisas misteriosas chamadas homens.



CANÇÃO DE CAÇA
DA MATILHA DE SEONI

Quando o sol nasceu, o sambar mugiu
Uma, duas, dez vezes!

E uma corça deu um salto, e uma corça deu um salto
Na lagoa da floresta onde o veado bebe entre o mato alto.
Isto, durante a patrulha, fui eu quem viu
Uma, duas, dez vezes!

Quando o sol nasceu, o sambar berrou
Uma, duas, dez vezes!

E um lobo regressa à família, e um lobo regressa à família
Levando a notícia para a irrequieta matilha,
E nós procuramos, encontramos e latimos na sua trilha
Uma, duas, dez vezes!

Quando o sol nasceu, a matilha uivou
Uma, duas, dez vezes!

Nossas patas na selva não deixam rastros!
Nossos olhos no escuro enxergam os mais tênues traços –

os mais tênues traços!

Berre – bote para fora! Todos seus grunhidos,
todos seus estardalhaços!
Uma, duas, dez vezes !

Notas

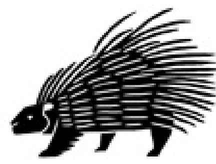
[1] O povo dos chacais.

[2] Raksha: espécie de demônio da mitologia hindu responsável por guardar tesouros.

[3] Sambar (ou sambhur) é uma espécie de cervo de grande porte que vive na Índia.

MOWGLI'S BROTHERS

Rudyard Kipling



Now Rann the Kite brings home the night
That Mang the Bat sets free—
The herds are shut in byre and hut
For loosed till dawn are we.
This is the hour of pride and power,
Talon and tush and claw.
Oh, hear the call!—Good hunting all
That keep the Jungle Law!
Night-Song in the Jungle

It was seven o'clock of a very warm evening in the Seeonee hills when Father Wolf woke up from his day's rest, scratched himself, yawned, and spread out his paws one after the other to get rid of the sleepy feeling in their tips. Mother Wolf lay with her big gray nose dropped across her four tumbling, squealing cubs, and the moon shone into the mouth of the cave where they all lived. "Augrh!" said Father Wolf. "It is time to hunt again." He was going to spring down hill when a little shadow with a bushy tail crossed the threshold and whined: "Good luck go with you, O Chief of the Wolves. And good luck and strong white teeth go with noble children that they may never forget the hungry in this world."

It was the jackal—Tabaqui, the Dish-licker—and the wolves of India despise Tabaqui because he runs about making mischief, and telling tales, and eating rags and pieces of leather from the village rubbish-heaps. But they are afraid of him too, because Tabaqui, more than anyone else in the jungle, is apt to go mad, and then he forgets that he was ever afraid of anyone, and runs through the forest biting everything in his way. Even the tiger runs and hides when little Tabaqui goes mad, for madness is the most disgraceful thing that can overtake a wild creature. We call it hydrophobia, but they call it dewanee—the madness—and run.

"Enter, then, and look," said Father Wolf stiffly, "but there is no food here."

"For a wolf, no," said Tabaqui, "but for so mean a person as myself a dry bone is a good feast. Who are we, the Gidur-log [the jackal people], to pick and choose?" He scuttled to the back of the cave, where he found the bone of a buck with some meat on it, and sat cracking the end merrily.

"All thanks for this good meal," he said, licking his lips. "How beautiful are the noble children! How large are their eyes! And so

young too! Indeed, indeed, I might have remembered that the children of kings are men from the beginning."

Now, Tabaqui knew as well as anyone else that there is nothing so unlucky as to compliment children to their faces. It pleased him to see Mother and Father Wolf look uncomfortable.

Tabaqui sat still, rejoicing in the mischief that he had made, and then he said spitefully:

"Shere Khan, the Big One, has shifted his hunting grounds. He will hunt among these hills for the next moon, so he has told me."

Shere Khan was the tiger who lived near the Waingunga River, twenty miles away.

"He has no right!" Father Wolf began angrily—"By the Law of the Jungle he has no right to change his quarters without due warning. He will frighten every head of game within ten miles, and I—I have to kill for two, these days."

"His mother did not call him Lungri [the Lame One] for nothing," said Mother Wolf quietly. "He has been lame in one foot from his birth. That is why he has only killed cattle. Now the villagers of the Waingunga are angry with him, and he has come here to make our villagers angry. They will scour the jungle for him when he is far away, and we and our children must run when the grass is set alight. Indeed, we are very grateful to Shere Khan!"

"Shall I tell him of your gratitude?" said Tabaqui.

"Out!" snapped Father Wolf. "Out and hunt with thy master. Thou hast done harm enough for one night."

"I go," said Tabaqui quietly. "Ye can hear Shere Khan below in the thickets. I might have saved myself the message."

Father Wolf listened, and below in the valley that ran down to a little river he heard the dry, angry, snarly, singsong whine of a tiger

who has caught nothing and does not care if all the jungle knows it.

"The fool!" said Father Wolf. "To begin a night's work with that noise! Does he think that our buck are like his fat Waingunga bullocks?"

"H'sh. It is neither bullock nor buck he hunts to-night," said Mother Wolf. "It is Man."

The whine had changed to a sort of humming purr that seemed to come from every quarter of the compass. It was the noise that bewilders woodcutters and gypsies sleeping in the open, and makes them run sometimes into the very mouth of the tiger.

"Man!" said Father Wolf, showing all his white teeth. "Faugh! Are there not enough beetles and frogs in the tanks that he must eat Man, and on our ground too!"

The Law of the Jungle, which never orders anything without a reason, forbids every beast to eat Man except when he is killing to show his children how to kill, and then he must hunt outside the hunting grounds of his pack or tribe. The real reason for this is that man-killing means, sooner or later, the arrival of white men on elephants, with guns, and hundreds of brown men with gongs and rockets and torches. Then everybody in the jungle suffers. The reason the beasts give among themselves is that Man is the weakest and most defenseless of all living things, and it is unsportsmanlike to touch him. They say too—and it is true—that man-eaters become mangy, and lose their teeth.

The purr grew louder, and ended in the full-throated "Aaarh!" of the tiger's charge.

Then there was a howl—an untigerish howl—from Shere Khan. "He has missed," said Mother Wolf. "What is it?"

Father Wolf ran out a few paces and heard Shere Khan muttering and mumbling savagely as he tumbled about in the scrub.

"The fool has had no more sense than to jump at a woodcutter's campfire, and has burned his feet," said Father Wolf with a grunt. "Tabaqui is with him."

"Something is coming uphill," said Mother Wolf, twitching one ear. "Get ready."

The bushes rustled a little in the thicket, and Father Wolf dropped with his haunches under him, ready for his leap. Then, if you had been watching, you would have seen the most wonderful thing in the world—the wolf checked in mid-spring. He made his bound before he saw what it was he was jumping at, and then he tried to stop himself. The result was that he shot up straight into the air for four or five feet, landing almost where he left ground.

"Man!" he snapped. "A man's cub. Look!"

Directly in front of him, holding on by a low branch, stood a naked brown baby who could just walk—as soft and as dimpled a little atom as ever came to a wolf's cave at night. He looked up into Father Wolf's face, and laughed.

"Is that a man's cub?" said Mother Wolf. "I have never seen one. Bring it here."

A Wolf accustomed to moving his own cubs can, if necessary, mouth an egg without breaking it, and though Father Wolf's jaws closed right on the child's back not a tooth even scratched the skin as he laid it down among the cubs.

"How little! How naked, and—how bold!" said Mother Wolf softly. The baby was pushing his way between the cubs to get close to the warm hide. "Ahai! He is taking his meal with the others. And so this is

a man's cub. Now, was there ever a wolf that could boast of a man's cub among her children?"

"I have heard now and again of such a thing, but never in our Pack or in my time," said Father Wolf. "He is altogether without hair, and I could kill him with a touch of my foot. But see, he looks up and is not afraid."

The moonlight was blocked out of the mouth of the cave, for Shere Khan's great square head and shoulders were thrust into the entrance. Tabaqui, behind him, was squeaking: "My lord, my lord, it went in here!"

"Shere Khan does us great honor," said Father Wolf, but his eyes were very angry. "What does Shere Khan need?"

"My quarry. A man's cub went this way," said Shere Khan. "Its parents have run off. Give it to me."

Shere Khan had jumped at a woodcutter's campfire, as Father Wolf had said, and was furious from the pain of his burned feet. But Father Wolf knew that the mouth of the cave was too narrow for a tiger to come in by. Even where he was, Shere Khan's shoulders and forepaws were cramped for want of room, as a man's would be if he tried to fight in a barrel.

"The Wolves are a free people," said Father Wolf. "They take orders from the Head of the Pack, and not from any striped cattle-killer. The man's cub is ours—to kill if we choose."

"Ye choose and ye do not choose! What talk is this of choosing? By the bull that I killed, am I to stand nosing into your dog's den for my fair dues? It is I, Shere Khan, who speak!"

The tiger's roar filled the cave with thunder. Mother Wolf shook herself clear of the cubs and sprang forward, her eyes, like two green moons in the darkness, facing the blazing eyes of Shere Khan.

“And it is I, Raksha [The Demon], who answers. The man’s cub is mine, Lungri—mine to me! He shall not be killed. He shall live to run with the Pack and to hunt with the Pack; and in the end, look you, hunter of little naked cubs—frog-eater—fish-killer—he shall hunt thee! Now get hence, or by the Sambhur that I killed (I eat no starved cattle), back thou goest to thy mother, burned beast of the jungle, lamer than ever thou camest into the world! Go!”

Father Wolf looked on amazed. He had almost forgotten the days when he won Mother Wolf in fair fight from five other wolves, when she ran in the Pack and was not called The Demon for compliment’s sake. Shere Khan might have faced Father Wolf, but he could not stand up against Mother Wolf, for he knew that where he was she had all the advantage of the ground, and would fight to the death. So he backed out of the cave mouth growling, and when he was clear he shouted:

“Each dog barks in his own yard! We will see what the Pack will say to this fostering of man-cubs. The cub is mine, and to my teeth he will come in the end, O bush-tailed thieves!”

Mother Wolf threw herself down panting among the cubs, and Father Wolf said to her gravely:

“Shere Khan speaks this much truth. The cub must be shown to the Pack. Wilt thou still keep him, Mother?”

“Keep him!” she gasped. “He came naked, by night, alone and very hungry; yet he was not afraid! Look, he has pushed one of my babes to one side already. And that lame butcher would have killed him and would have run off to the Waingunga while the villagers here hunted through all our lairs in revenge! Keep him? Assuredly I will keep him. Lie still, little frog. O thou Mowgli—for Mowgli the Frog I will call thee—the time will come when thou wilt hunt Shere Khan as he has hunted thee.”

“But what will our Pack say?” said Father Wolf.

The Law of the Jungle lays down very clearly that any wolf may, when he marries, withdraw from the Pack he belongs to. But as soon as his cubs are old enough to stand on their feet he must bring them to the Pack Council, which is generally held once a month at full moon, in order that the other wolves may identify them. After that inspection the cubs are free to run where they please, and until they have killed their first buck no excuse is accepted if a grown wolf of the Pack kills one of them. The punishment is death where the murderer can be found; and if you think for a minute you will see that this must be so.

Father Wolf waited till his cubs could run a little, and then on the night of the Pack Meeting took them and Mowgli and Mother Wolf to the Council Rock—a hilltop covered with stones and boulders where a hundred wolves could hide. Akela, the great gray Lone Wolf, who led all the Pack by strength and cunning, lay out at full length on his rock, and below him sat forty or more wolves of every size and color, from badger-colored veterans who could handle a buck alone to young black three-year-olds who thought they could. The Lone Wolf had led them for a year now. He had fallen twice into a wolf trap in his youth, and once he had been beaten and left for dead; so he knew the manners and customs of men. There was very little talking at the Rock. The cubs tumbled over each other in the center of the circle where their mothers and fathers sat, and now and again a senior wolf would go quietly up to a cub, look at him carefully, and return to his place on noiseless feet. Sometimes a mother would push her cub far out into the moonlight to be sure that he had not been overlooked. Akela from his rock would cry: “Ye know the Law—ye know the Law. Look well, O Wolves!” And the anxious mothers would take up the call: “Look—look well, O Wolves!”

At last—and Mother Wolf's neck bristles lifted as the time came—Father Wolf pushed "Mowgli the Frog," as they called him, into the center, where he sat laughing and playing with some pebbles that glistened in the moonlight.

Akela never raised his head from his paws, but went on with the monotonous cry: "Look well!" A muffled roar came up from behind the rocks—the voice of Shere Khan crying: "The cub is mine. Give him to me. What have the Free People to do with a man's cub?" Akela never even twitched his ears. All he said was: "Look well, O Wolves! What have the Free People to do with the orders of any save the Free People? Look well!"

There was a chorus of deep growls, and a young wolf in his fourth year flung back Shere Khan's question to Akela: "What have the Free People to do with a man's cub?" Now, the Law of the Jungle lays down that if there is any dispute as to the right of a cub to be accepted by the Pack, he must be spoken for by at least two members of the Pack who are not his father and mother.

"Who speaks for this cub?" said Akela. "Among the Free People who speaks?" There was no answer and Mother Wolf got ready for what she knew would be her last fight, if things came to fighting.

Then the only other creature who is allowed at the Pack Council—Baloo, the sleepy brown bear who teaches the wolf cubs the Law of the Jungle: old Baloo, who can come and go where he pleases because he eats only nuts and roots and honey—rose upon his hind quarters and grunted.

"The man's cub—the man's cub?" he said. "I speak for the man's cub. There is no harm in a man's cub. I have no gift of words, but I speak the truth. Let him run with the Pack, and be entered with the others. I myself will teach him."

“We need yet another,” said Akela. “Baloo has spoken, and he is our teacher for the young cubs. Who speaks besides Baloo?”

A black shadow dropped down into the circle. It was Bagheera the Black Panther, inky black all over, but with the panther markings showing up in certain lights like the pattern of watered silk. Everybody knew Bagheera, and nobody cared to cross his path; for he was as cunning as Tabaqui, as bold as the wild buffalo, and as reckless as the wounded elephant. But he had a voice as soft as wild honey dripping from a tree, and a skin softer than down.

“O Akela, and ye the Free People,” he purred, “I have no right in your assembly, but the Law of the Jungle says that if there is a doubt which is not a killing matter in regard to a new cub, the life of that cub may be bought at a price. And the Law does not say who may or may not pay that price. Am I right?”

“Good! Good!” said the young wolves, who are always hungry. “Listen to Bagheera. The cub can be bought for a price. It is the Law.”

“Knowing that I have no right to speak here, I ask your leave.”

“Speak then,” cried twenty voices.

“To kill a naked cub is shame. Besides, he may make better sport for you when he is grown. Baloo has spoken in his behalf. Now to Baloo’s word I will add one bull, and a fat one, newly killed, not half a mile from here, if ye will accept the man’s cub according to the Law. Is it difficult?”

There was a clamor of scores of voices, saying: “What matter? He will die in the winter rains. He will scorch in the sun. What harm can a naked frog do us? Let him run with the Pack. Where is the bull, Bagheera? Let him be accepted.” And then came Akela’s deep bay, crying: “Look well—look well, O Wolves!”

Mowgli was still deeply interested in the pebbles, and he did not notice when the wolves came and looked at him one by one. At last they all went down the hill for the dead bull, and only Akela, Bagheera, Baloo, and Mowgli's own wolves were left. Shere Khan roared still in the night, for he was very angry that Mowgli had not been handed over to him.

"Ay, roar well," said Bagheera, under his whiskers, "for the time will come when this naked thing will make thee roar to another tune, or I know nothing of man."

"It was well done," said Akela. "Men and their cubs are very wise. He may be a help in time."

"Truly, a help in time of need; for none can hope to lead the Pack forever," said Bagheera.

Akela said nothing. He was thinking of the time that comes to every leader of every pack when his strength goes from him and he gets feebler and feebler, till at last he is killed by the wolves and a new leader comes up—to be killed in his turn.

"Take him away," he said to Father Wolf, "and train him as befits one of the Free People."

And that is how Mowgli was entered into the Seeonee Wolf Pack for the price of a bull and on Baloo's good word.

Now you must be content to skip ten or eleven whole years, and only guess at all the wonderful life that Mowgli led among the wolves, because if it were written out it would fill ever so many books. He grew up with the cubs, though they, of course, were grown wolves almost before he was a child. And Father Wolf taught him his business, and the meaning of things in the jungle, till every rustle in the grass, every breath of the warm night air, every note of the owls above his head, every scratch of a bat's claws as it roosted for a while in a tree, and every splash of every little fish jumping in a pool meant

just as much to him as the work of his office means to a business man. When he was not learning he sat out in the sun and slept, and ate and went to sleep again. When he felt dirty or hot he swam in the forest pools; and when he wanted honey (Baloo told him that honey and nuts were just as pleasant to eat as raw meat) he climbed up for it, and that Bagheera showed him how to do.

Bagheera would lie out on a branch and call, “Come along, Little Brother,” and at first Mowgli would cling like the sloth, but afterward he would fling himself through the branches almost as boldly as the gray ape. He took his place at the Council Rock, too, when the Pack met, and there he discovered that if he stared hard at any wolf, the wolf would be forced to drop his eyes, and so he used to stare for fun. At other times he would pick the long thorns out of the pads of his friends, for wolves suffer terribly from thorns and burs in their coats. He would go down the hillside into the cultivated lands by night, and look very curiously at the villagers in their huts, but he had a mistrust of men because Bagheera showed him a square box with a drop gate so cunningly hidden in the jungle that he nearly walked into it, and told him that it was a trap. He loved better than anything else to go with Bagheera into the dark warm heart of the forest, to sleep all through the drowsy day, and at night see how Bagheera did his killing. Bagheera killed right and left as he felt hungry, and so did Mowgli—with one exception. As soon as he was old enough to understand things, Bagheera told him that he must never touch cattle because he had been bought into the Pack at the price of a bull’s life. “All the jungle is thine,” said Bagheera, “and thou canst kill everything that thou art strong enough to kill; but for the sake of the bull that bought thee thou must never kill or eat any cattle young or old. That is the Law of the Jungle.” Mowgli obeyed faithfully.

And he grew and grew strong as a boy must grow who does not know that he is learning any lessons, and who has nothing in the

world to think of except things to eat.

Mother Wolf told him once or twice that Shere Khan was not a creature to be trusted, and that some day he must kill Shere Khan. But though a young wolf would have remembered that advice every hour, Mowgli forgot it because he was only a boy—though he would have called himself a wolf if he had been able to speak in any human tongue.

Shere Khan was always crossing his path in the jungle, for as Akela grew older and feebler the lame tiger had come to be great friends with the younger wolves of the Pack, who followed him for scraps, a thing Akela would never have allowed if he had dared to push his authority to the proper bounds. Then Shere Khan would flatter them and wonder that such fine young hunters were content to be led by a dying wolf and a man's cub. "They tell me," Shere Khan would say, "that at Council ye dare not look him between the eyes." And the young wolves would growl and bristle.

Bagheera, who had eyes and ears everywhere, knew something of this, and once or twice he told Mowgli in so many words that Shere Khan would kill him some day. Mowgli would laugh and answer: "I have the Pack and I have thee; and Baloo, though he is so lazy, might strike a blow or two for my sake. Why should I be afraid?"

It was one very warm day that a new notion came to Bagheera—born of something that he had heard. Perhaps Ikki the Porcupine had told him; but he said to Mowgli when they were deep in the jungle, as the boy lay with his head on Bagheera's beautiful black skin, "Little Brother, how often have I told thee that Shere Khan is thy enemy?"

"As many times as there are nuts on that palm," said Mowgli, who, naturally, could not count. "What of it? I am sleepy, Bagheera, and Shere Khan is all long tail and loud talk—like Mao, the Peacock."

"But this is no time for sleeping. Baloo knows it; I know it; the Pack know it; and even the foolish, foolish deer know. Tabaqui has told thee too."

"Ho! ho!" said Mowgli. "Tabaqui came to me not long ago with some rude talk that I was a naked man's cub and not fit to dig pig-nuts. But I caught Tabaqui by the tail and swung him twice against a palm-tree to teach him better manners."

"That was foolishness, for though Tabaqui is a mischief-maker, he would have told thee of something that concerned thee closely. Open those eyes, Little Brother. Shere Khan dare not kill thee in the jungle. But remember, Akela is very old, and soon the day comes when he cannot kill his buck, and then he will be leader no more. Many of the wolves that looked thee over when thou wast brought to the Council first are old too, and the young wolves believe, as Shere Khan has taught them, that a man-cub has no place with the Pack. In a little time thou wilt be a man."

"And what is a man that he should not run with his brothers?" said Mowgli. "I was born in the jungle. I have obeyed the Law of the Jungle, and there is no wolf of ours from whose paws I have not pulled a thorn. Surely they are my brothers!"

Bagheera stretched himself at full length and half shut his eyes. "Little Brother," said he, "feel under my jaw."

Mowgli put up his strong brown hand, and just under Bagheera's silky chin, where the giant rolling muscles were all hid by the glossy hair, he came upon a little bald spot.

"There is no one in the jungle that knows that I, Bagheera, carry that mark—the mark of the collar; and yet, Little Brother, I was born among men, and it was among men that my mother died—in the cages of the king's palace at Oodeypore. It was because of this that I paid the price for thee at the Council when thou wast a little naked

cub. Yes, I too was born among men. I had never seen the jungle. They fed me behind bars from an iron pan till one night I felt that I was Bagheera—the Panther—and no man's plaything, and I broke the silly lock with one blow of my paw and came away. And because I had learned the ways of men, I became more terrible in the jungle than Shere Khan. Is it not so?"

"Yes," said Mowgli, "all the jungle fear Bagheera—all except Mowgli."

"Oh, thou art a man's cub," said the Black Panther very tenderly. "And even as I returned to my jungle, so thou must go back to men at last—to the men who are thy brothers—if thou art not killed in the Council."

"But why—but why should any wish to kill me?" said Mowgli.

"Look at me," said Bagheera. And Mowgli looked at him steadily between the eyes. The big panther turned his head away in half a minute.

"That is why," he said, shifting his paw on the leaves. "Not even I can look thee between the eyes, and I was born among men, and I love thee, Little Brother. The others they hate thee because their eyes cannot meet thine; because thou art wise; because thou hast pulled out thorns from their feet—because thou art a man."

"I did not know these things," said Mowgli sullenly, and he frowned under his heavy black eyebrows.

"What is the Law of the Jungle? Strike first and then give tongue. By thy very carelessness they know that thou art a man. But be wise. It is in my heart that when Akela misses his next kill—and at each hunt it costs him more to pin the buck—the Pack will turn against him and against thee. They will hold a jungle Council at the Rock, and then—and then—I have it!" said Bagheera, leaping up. "Go thou down quickly to the men's huts in the valley, and take some of the

Red Flower which they grow there, so that when the time comes thou mayest have even a stronger friend than I or Baloo or those of the Pack that love thee. Get the Red Flower."

By Red Flower Bagheera meant fire, only no creature in the jungle will call fire by its proper name. Every beast lives in deadly fear of it, and invents a hundred ways of describing it.

"The Red Flower?" said Mowgli. "That grows outside their huts in the twilight. I will get some."

"There speaks the man's cub," said Bagheera proudly. "Remember that it grows in little pots. Get one swiftly, and keep it by thee for time of need."

"Good!" said Mowgli. "I go. But art thou sure, O my Bagheera"—he slipped his arm around the splendid neck and looked deep into the big eyes—"art thou sure that all this is Shere Khan's doing?"

"By the Broken Lock that freed me, I am sure, Little Brother."

"Then, by the Bull that bought me, I will pay Shere Khan full tale for this, and it may be a little over," said Mowgli, and he bounded away.

"That is a man. That is all a man," said Bagheera to himself, lying down again. "Oh, Shere Khan, never was a blacker hunting than that frog-hunt of thine ten years ago!"

Mowgli was far and far through the forest, running hard, and his heart was hot in him. He came to the cave as the evening mist rose, and drew breath, and looked down the valley. The cubs were out, but Mother Wolf, at the back of the cave, knew by his breathing that something was troubling her frog.

"What is it, Son?" she said.

"Some bat's chatter of Shere Khan," he called back. "I hunt among the plowed fields tonight," and he plunged downward through the

bushes, to the stream at the bottom of the valley. There he checked, for he heard the yell of the Pack hunting, heard the bellow of a hunted Sambhur, and the snort as the buck turned at bay. Then there were wicked, bitter howls from the young wolves: “Akela! Akela! Let the Lone Wolf show his strength. Room for the leader of the Pack! Spring, Akela!”

The Lone Wolf must have sprung and missed his hold, for Mowgli heard the snap of his teeth and then a yelp as the Sambhur knocked him over with his forefoot.

He did not wait for anything more, but dashed on; and the yells grew fainter behind him as he ran into the croplands where the villagers lived.

“Bagheera spoke truth,” he panted, as he nestled down in some cattle fodder by the window of a hut. “To-morrow is one day both for Akela and for me.”

Then he pressed his face close to the window and watched the fire on the hearth. He saw the husbandman’s wife get up and feed it in the night with black lumps. And when the morning came and the mists were all white and cold, he saw the man’s child pick up a wicker pot plastered inside with earth, fill it with lumps of red-hot charcoal, put it under his blanket, and go out to tend the cows in the byre.

“Is that all?” said Mowgli. “If a cub can do it, there is nothing to fear.” So he strode round the corner and met the boy, took the pot from his hand, and disappeared into the mist while the boy howled with fear.

“They are very like me,” said Mowgli, blowing into the pot as he had seen the woman do. “This thing will die if I do not give it things to eat”; and he dropped twigs and dried bark on the red stuff. Halfway up the hill he met Bagheera with the morning dew shining like moonstones on his coat.

“Akela has missed,” said the Panther. “They would have killed him last night, but they needed thee also. They were looking for thee on the hill.”

“I was among the plowed lands. I am ready. See!” Mowgli held up the fire-pot.

“Good! Now, I have seen men thrust a dry branch into that stuff, and presently the Red Flower blossomed at the end of it. Art thou not afraid?”

“No. Why should I fear? I remember now—if it is not a dream—how, before I was a Wolf, I lay beside the Red Flower, and it was warm and pleasant.”

All that day Mowgli sat in the cave tending his fire pot and dipping dry branches into it to see how they looked. He found a branch that satisfied him, and in the evening when Tabaqui came to the cave and told him rudely enough that he was wanted at the Council Rock, he laughed till Tabaqui ran away. Then Mowgli went to the Council, still laughing.

Akela the Lone Wolf lay by the side of his rock as a sign that the leadership of the Pack was open, and Shere Khan with his following of scrap-fed wolves walked to and fro openly being flattered. Bagheera lay close to Mowgli, and the fire pot was between Mowgli’s knees. When they were all gathered together, Shere Khan began to speak—a thing he would never have dared to do when Akela was in his prime.

“He has no right,” whispered Bagheera. “Say so. He is a dog’s son. He will be frightened.”

Mowgli sprang to his feet. “Free People,” he cried, “does Shere Khan lead the Pack? What has a tiger to do with our leadership?”

"Seeing that the leadership is yet open, and being asked to speak —" Shere Khan began.

"By whom?" said Mowgli. "Are we all jackals, to fawn on this cattle butcher? The leadership of the Pack is with the Pack alone."

There were yells of "Silence, thou man's cub!" "Let him speak. He has kept our Law"; and at last the seniors of the Pack thundered: "Let the Dead Wolf speak." When a leader of the Pack has missed his kill, he is called the Dead Wolf as long as he lives, which is not long.

Akela raised his old head wearily:—

"Free People, and ye too, jackals of Shere Khan, for twelve seasons I have led ye to and from the kill, and in all that time not one has been trapped or maimed. Now I have missed my kill. Ye know how that plot was made. Ye know how ye brought me up to an untried buck to make my weakness known. It was cleverly done. Your right is to kill me here on the Council Rock, now. Therefore, I ask, who comes to make an end of the Lone Wolf? For it is my right, by the Law of the Jungle, that ye come one by one."

There was a long hush, for no single wolf cared to fight Akela to the death. Then Shere Khan roared: "Bah! What have we to do with this toothless fool? He is doomed to die! It is the man-cub who has lived too long. Free People, he was my meat from the first. Give him to me. I am weary of this man-wolf folly. He has troubled the jungle for ten seasons. Give me the man-cub, or I will hunt here always, and not give you one bone. He is a man, a man's child, and from the marrow of my bones I hate him!"

Then more than half the Pack yelled: "A man! A man! What has a man to do with us? Let him go to his own place."

"And turn all the people of the villages against us?" clamored Shere Khan. "No, give him to me. He is a man, and none of us can look him between the eyes."

Akela lifted his head again and said, “He has eaten our food. He has slept with us. He has driven game for us. He has broken no word of the Law of the Jungle.”

“Also, I paid for him with a bull when he was accepted. The worth of a bull is little, but Bagheera’s honor is something that he will perhaps fight for,” said Bagheera in his gentlest voice.

“A bull paid ten years ago!” the Pack snarled. “What do we care for bones ten years old?”

“Or for a pledge?” said Bagheera, his white teeth bared under his lip. “Well are ye called the Free People!”

“No man’s cub can run with the people of the jungle,” howled Shere Khan. “Give him to me!”

“He is our brother in all but blood,” Akela went on, “and ye would kill him here! In truth, I have lived too long. Some of ye are eaters of cattle, and of others I have heard that, under Shere Khan’s teaching, ye go by dark night and snatch children from the villager’s doorstep. Therefore I know ye to be cowards, and it is to cowards I speak. It is certain that I must die, and my life is of no worth, or I would offer that in the man-cub’s place. But for the sake of the Honor of the Pack, —a little matter that by being without a leader ye have forgotten,—I promise that if ye let the man-cub go to his own place, I will not, when my time comes to die, bare one tooth against ye. I will die without fighting. That will at least save the Pack three lives. More I cannot do; but if ye will, I can save ye the shame that comes of killing a brother against whom there is no fault—a brother spoken for and bought into the Pack according to the Law of the Jungle.”

“He is a man—a man—a man!” snarled the Pack. And most of the wolves began to gather round Shere Khan, whose tail was beginning to switch.

“Now the business is in thy hands,” said Bagheera to Mowgli. “We can do no more except fight.”

Mowgli stood upright—the fire pot in his hands. Then he stretched out his arms, and yawned in the face of the Council; but he was furious with rage and sorrow, for, wolflike, the wolves had never told him how they hated him. “Listen you!” he cried. “There is no need for this dog’s jabber. Ye have told me so often tonight that I am a man (and indeed I would have been a wolf with you to my life’s end) that I feel your words are true. So I do not call ye my brothers any more, but sag [dogs], as a man should. What ye will do, and what ye will not do, is not yours to say. That matter is with me; and that we may see the matter more plainly, I, the man, have brought here a little of the Red Flower which ye, dogs, fear.”

He flung the fire pot on the ground, and some of the red coals lit a tuft of dried moss that flared up, as all the Council drew back in terror before the leaping flames.

Mowgli thrust his dead branch into the fire till the twigs lit and crackled, and whirled it above his head among the cowering wolves.

“Thou art the master,” said Bagheera in an undertone. “Save Akela from the death. He was ever thy friend.”

Akela, the grim old wolf who had never asked for mercy in his life, gave one piteous look at Mowgli as the boy stood all naked, his long black hair tossing over his shoulders in the light of the blazing branch that made the shadows jump and quiver.

“Good!” said Mowgli, staring round slowly. “I see that ye are dogs. I go from you to my own people—if they be my own people. The jungle is shut to me, and I must forget your talk and your companionship. But I will be more merciful than ye are. Because I was all but your brother in blood, I promise that when I am a man among men I will not betray ye to men as ye have betrayed me.” He

kicked the fire with his foot, and the sparks flew up. “There shall be no war between any of us in the Pack. But here is a debt to pay before I go.” He strode forward to where Shere Khan sat blinking stupidly at the flames, and caught him by the tuft on his chin. Bagheera followed in case of accidents. “Up, dog!” Mowgli cried. “Up, when a man speaks, or I will set that coat ablaze!”

Shere Khan’s ears lay flat back on his head, and he shut his eyes, for the blazing branch was very near.

“This cattle-killer said he would kill me in the Council because he had not killed me when I was a cub. Thus and thus, then, do we beat dogs when we are men. Stir a whisker, Lungri, and I ram the Red Flower down thy gullet!” He beat Shere Khan over the head with the branch, and the tiger whimpered and whined in an agony of fear.

“Pah! Singed jungle cat—go now! But remember when next I come to the Council Rock, as a man should come, it will be with Shere Khan’s hide on my head. For the rest, Akela goes free to live as he pleases. Ye will not kill him, because that is not my will. Nor do I think that ye will sit here any longer, lolling out your tongues as though ye were somebodies, instead of dogs whom I drive out—thus! Go!” The fire was burning furiously at the end of the branch, and Mowgli struck right and left round the circle, and the wolves ran howling with the sparks burning their fur. At last there were only Akela, Bagheera, and perhaps ten wolves that had taken Mowgli’s part. Then something began to hurt Mowgli inside him, as he had never been hurt in his life before, and he caught his breath and sobbed, and the tears ran down his face.

“What is it? What is it?” he said. “I do not wish to leave the jungle, and I do not know what this is. Am I dying, Bagheera?”

“No, Little Brother. That is only tears such as men use,” said Bagheera. “Now I know thou art a man, and a man’s cub no longer.

The jungle is shut indeed to thee henceforward. Let them fall, Mowgli. They are only tears." So Mowgli sat and cried as though his heart would break; and he had never cried in all his life before.

"Now," he said, "I will go to men. But first I must say farewell to my mother." And he went to the cave where she lived with Father Wolf, and he cried on her coat, while the four cubs howled miserably.

"Ye will not forget me?" said Mowgli.

"Never while we can follow a trail," said the cubs. "Come to the foot of the hill when thou art a man, and we will talk to thee; and we will come into the croplands to play with thee by night."

"Come soon!" said Father Wolf. "Oh, wise little frog, come again soon; for we be old, thy mother and I."

"Come soon," said Mother Wolf, "little naked son of mine. For, listen, child of man, I loved thee more than ever I loved my cubs."

"I will surely come," said Mowgli. "And when I come it will be to lay out Shere Khan's hide upon the Council Rock. Do not forget me! Tell them in the jungle never to forget me!"

The dawn was beginning to break when Mowgli went down the hillside alone, to meet those mysterious things that are called men.



HUNTING-SONG OF THE SEEONEE PACK

As the dawn was breaking the Sambhur belled
Once, twice and again!

And a doe leaped up, and a doe leaped up
From the pond in the wood where the wild deer sup.
This I, scouting alone, beheld,
Once, twice and again!

As the dawn was breaking the Sambhur belled
Once, twice and again!

And a wolf stole back, and a wolf stole back
To carry the word to the waiting pack,
And we sought and we found and we bayed on his track
Once, twice and again!

As the dawn was breaking the Wolf Pack yelled
Once, twice and again!

Feet in the jungle that leave no mark!
Eyes that can see in the dark—the dark!

Tongue—give tongue to it! Hark! O hark!

Once, twice and again!



JOSEPH RUDYARD KIPLING

Nasceu em Bombaim (Mumbai), em 30 de dezembro de 1865, e morreu em Londres, em 18 de janeiro de 1936. Autor de poemas, contos, ensaios e romances, recebeu o Nobel de Literatura em 1907. Admirado por T. S. Elliot e Jorge Luis Borges, Kipling foi porta-voz do ideal imperial britânico e repórter da presença de cidadãos e soldados do Reino Unido na Índia e outros países ao final do século 19.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de "clássicos" — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

domínio
ao público

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

> *Que você faça o bem e não o mal.*
>
> *Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.*
>
> *Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.*

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.



INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL:

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel Sasso, Michel D’Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A **Mojo.org** dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O **Domínio [ao] Público** é um programa que publica livros digitais de obras em Domínio Público gratuitamente por meio da ajuda de doações e dos associados ao **Clube do Livro para Leitores Extraordinários**.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

...

EXPEDIENTE

O Livro da Selva, de Rudyard Kipling

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Ana Barbosa

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte e lettering : Cyla Costa

Revisão: Ana Barbosa e Gabriel Naldi

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

1ª edição, São Paulo, 30 de julho de 2018.

Atualize-se sobre novas edições deste ebook, conheça outros títulos ou faça o download para outros sistemas de ereading em: https://dominioaopublico.org.br/ebooks/o-livro-da-selva/